

# **A DIMENSÃO SOCIAL DA EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO DE HOJE**

Fafe, Portugal – 8 de Abril de 2015

- **INTRODUÇÃO**

## **1.1 Saudações**

Agradeço-vos o gentil convite de visitar Portugal para partilhar este dia convosco e de nos sentirmos próximos como Família Cáritas, para nos animarmos mutuamente e alimentar o fogo da nossa esperança nestes tempos de desencanto, desenraizamento e abandono. Ver-vos aqui, em torno dos grandes princípios e ideias da Cáritas, que realiza neste belo país um trabalho tão nobre e heróico, serve-me de estímulo para que, nesta comunicação que me pediram para vos proferir, eu diga apenas coisas que aqui se constata: que o Evangelho se confirma com as obras. Muito obrigado!

## **1.2 Pastoral Social em chave missionária**

Uma pastoral em chave missionária não vive obcecada pela transmissão pura da doutrina, mas centra-se no anúncio do que é essencial ao Homem, e aqui se inclui a dimensão social, explicitamente inerente, à sua condição de pessoa necessitada de evangelização. No mundo de hoje, não podemos criar compartimentos fechados nem levantar alfândegas à evangelização pois para que esta seja “plena” tem que ser “integral”, e para que o seja em verdade não pode deixar de iluminar com a caridade, a justiça e a verdade a dimensão “social”. Por isso, o social na evangelização não pode ser considerado como algo opcional, mas sim como uma realidade constitutiva e obrigatória da acção evangelizadora.

O Papa Francisco sabe que no mundo de hoje, com comunicações velozes e a selecção de conteúdos praticada por muitos meios de comunicação, a mensagem do Evangelho corre, mais do que nunca, o risco de aparecer mutilada e reduzida a alguns aspectos secundários que, por si só, não manifestam o coração da boa nova de Jesus Cristo. Por isso, não se pode reduzir, neste caso, a um laboratório pastoral, a uma dimensão entre outras, pois tudo constitui, no final, um todo unido sob o mesmo espírito do Evangelho.

Já passou o tempo em que, depois de se falar da missão como evangelização, conversão e anúncio do *kerigma*, se podia considerar na *praxis* pastoral “o social” como um derivado da missão, e que, até certo ponto, se podia separar o “espiritual” do “social” numa abordagem maniqueísta mas sem qualquer dialéctica e sem uma razão ou postulado bem fundamentado que o explicasse: fazer missão, evangelizar, mas sem alterar o contexto, sem tocar a realidade pessoal (no trabalho, na família, na alimentação, na segurança, no bem-estar, na saúde, na economia). Hoje, esse tipo de abordagem desencarnada é inaceitável.

Por esta razão, na sua recente exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (34 – 39), o Papa enfrenta com precisão teológica a questão da hierarquia das verdades. Este aspecto não se dá quando “se fala mais da lei que da graça, mais da Igreja que de Jesus Cristo, mais do Papa que da Palavra de Deus.” (EG 38). E eu acrescentaria também: se quer dar a conhecer a verdade de Deus omitindo a verdade e a realidade do homem.

### **1.3 Repensar objectivos e repensar princípios**

Perante esta tentação, o Santo Padre propõe uma nova pastoral em chave de missão, que abandone o cómodo critério do “sempre se fez assim”, e convida os pastores e todos os cristãos a serem “audazes” e “criativos” nesta tarefa de repensar os objectivos, as estruturas, os estilos e os métodos evangelizadores das próprias comunidades. Para o Santo Padre, uma identificação dos fins, sem uma condigna busca comunitária dos meios para os alcançar, está condenada a traduzir-se em mera fantasia.” (EG 33). Será, então, “mera fantasia” uma pastoral, uma acção evangelizadora, que não se interesse pelo social, ou que sobredimensione uma área da vida humana, mas que negligencie ou omita as demais de forma consciente.

Da mesma forma o Papa exorta todas as pessoas a aplicar com “generosidade” e “coragem” as orientações deste documento “sem impedimentos nem receios”. Esclarece que “o importante é não caminhar sozinho, mas ter sempre em conta os irmãos e, de modo especial, a guia dos bispos, num discernimento pastoral sábio e realista” (EG 33).

Ao analisar cuidadosamente a EG descobriremos que o bispo de Roma utiliza, ao longo de todo o texto, duas palavras que são como que a espinha dorsal do documento: alegria e misericórdia, porque nessa conversão existe uma hierarquia de verdades, poucas e essenciais, e no centro está o amor encarnado na pessoa de Jesus Cristo. E o Cristo encarnado que nos revelam os Evangelhos é de “carne e osso”. Por isso, porque houve Encarnação, a evangelização não pode ignorar a pessoa e a sua situação. Tudo entra no projecto e no processo de evangelização se esta quer transformar a história.

## **2. HIERARQUIA DE VERDADES**

Diz-nos o Papa que “uma pastoral em chave missionária não está obsesionada pela transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que se tentam impor à força de insistir. Quando se assume um objectivo pastoral e um estilo missionário, que chegue realmente a todos sem excepções nem exclusões, o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário” (EG 35). Isto aplica-se aos dogmas de fé e ao conjunto de ensinamentos da Igreja, e até mesmo para o ensino moral. O mesmo dizia Tomás de Aquino: “na mensagem moral da Igreja – diz – também há uma hierarquia, nas virtudes e nos actos de que elas procedem. [...] «Em si mesma a misericórdia é a maior das virtudes, já que a ela pertence debruçar-se sobre os outros e, mais ainda, socorrer as suas

deficiências» (*Summa Theologiae* II-II, q. 30, art. 4. Cf. *ibíd.* q. 30, art. 4, ad 1) " (n. 37).

É neste sentido que o Concílio Vaticano II explica que existe uma ordem ou hierarquia nas verdades na doutrina católica: "todas as verdades reveladas procedem da mesma fonte divina e são acreditadas com a mesma fé, mas algumas delas são mais importantes por exprimir mais directamente o coração do Evangelho. Neste núcleo fundamental, o que sobressai é a *beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado.*" (EG 36). E a tal "beleza do amor salvífico de Deus" não se pode compreender plenamente se ela não actuar através da caridade em todas as suas expressões, na qual a expressão "social" é também essencial, inegável, imprescindível.

É natural que no anúncio do Evangelho seja necessária uma adequada proporção. Esta adverte-se na frequência com a qual se mencionam alguns temas e as acentuações que se colocam na sua predicação. Mas nessa "adequada proporção" deve incluir-se a dimensão social do Evangelho, onde os pobres devem constituir uma opção fundamental.

Bem nos diz o Papa (EG 39) que "não é preciso mutilar a integridade da mensagem do Evangelho". E acrescenta "cada verdade entende-se melhor se a colocarmos em relação com a totalidade harmoniosa da mensagem cristã: e, neste contexto, todas as verdades têm a sua própria importância e iluminam-se reciprocamente.". Isto supõe esse equilíbrio, a harmonia e a sintonia necessárias para que o serviço evangelizador da Igreja não seja apenas de palavras sem obras, convertendo o anúncio da fé numa constatação credível. É isso que nos diz Jesus "Pelos frutos, pois, os conhecereis." (Mt 7, 20).

Apresento-vos dois exemplos contrastantes para enfatizar as ideias que vos estou a procurar transmitir:

– Um grupo de religiosas são responsáveis por um centro médico numa zona muito popular de Tegucigalpa, a capital do meu país. Vão registando as pessoas que vão chegar, dialogam com elas, preenchem um formulário e conduzem-nas aos médicos, segundo a necessidade de atenção de cada paciente. Mas antes dos pacientes voltarem a casa, as irmãs entrevistam-nos e convidam-nos a participar num grupo de formação para o desenvolvimento, ou a fazer parte de uma microempresa, ou a levar os seus filhos à catequese caso sejam católicos, ou incentivam-nos a fazer parte de um grupo de oração, a participar nalgum curso de auto-estima, ou outras coisas do género.

Neste exemplo concreto vemos o "modelo evangelização – dimensão social" muito bem integrado e que responde à pessoa na sua condição biográfica e pessoal (o que o Papa chama de "periferias existenciais").

– O outro exemplo, em contraste, é um centro médico católico, situado numa zona de alto risco social numa cidade do Caribe. Aqui, uma congregação de religiosas colabora nessa clínica de assistência. Tem uma equipa eficiente de profissionais e oferecem um excelente tratamento aos pacientes. Mas aqui não se fala de Deus, não se pretende vincular à Igreja, não se implicam numa

continuidade de tratamento e acompanhamento e onde o paciente (certamente pobre e necessitado) apenas recebe uma atenção médica de qualidade sem tocar em qualquer aspecto espiritual, moral ou religioso. Estas irmãs estão convencidas que para falar da religião católica existe o templo ou a paróquia.

Neste exemplo concreto, ainda que devemos destacar os bons resultados do tratamento e do serviço de qualidade do ponto de vista médico, vemos com clareza que existe uma ruptura, um corte intencional, uma excisão forte entre a dimensão evangelizadora da caridade convertida em atenção social e a proposta-anúncio da fé. Onde se pode, onde não é “delito” falar de Cristo (como em certos ambientes radicais), deixar de fazê-lo é um erro. A mera filantropia não é evangelização. Por isso repito as palavras do Papa neste sentido: “desejo afirmar, com mágoa, que a pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual. [...] A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária [...]” (EG 200).

A fé anuncia-se com a palavra e difunde-se com as obras. As duas realidades somam-se e integram-se entre si. Quando não existe esta relação mútua entre o anúncio da fé e o serviço ao próximo, então é necessário reler as bem-aventuranças.

Mas se a evangelização não acontece com força e atracção, conclui o Papa “o edifício moral da Igreja corre o risco de se tornar um castelo de cartas, sendo este o nosso pior perigo”. Porque não será propriamente o Evangelho aquilo que se anuncia, “mas algumas acentuações doutrinárias ou morais, que derivam de certas opções ideológicas”. Se isto sucede, a mensagem correrá o risco de perder a sua “frescura” e deixará de ter «o perfume do Evangelho». (*ibidem*).

### **3. A DIMENSÃO SOCIAL DA EVANGELIZAÇÃO (Um encontro com a EG)**

“A tarefa da evangelização implica e exige uma promoção integral de cada ser humano.” (EG 182). “Por conseguinte, ninguém pode exigir-nos que releguemos a religião para a intimidade secreta das pessoas, sem qualquer influência na vida social e nacional [...] Uma fé autêntica – que nunca é cómoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo [...] Amamos este magnífico planeta, onde Deus nos colocou, e amamos a humanidade que o habita [...] A terra é a nossa casa comum, e todos somos irmãos. Todos os cristãos, incluindo os Pastores, são chamados a preocupar-se com a construção dum mundo melhor.” (EG 183-184). “Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade.” (EG 187).

“Dado que esta Exortação se dirige aos membros da Igreja Católica, desejo afirmar, com mágoa, que a pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual [...] A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária [...] ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social [...] Enquanto não forem radicalmente solucionados os problemas dos pobres,

renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade social, não se resolverão os problemas do mundo e, em definitivo, problema algum. A desigualdade é a raiz dos males sociais”. (EG 200-202).

“A dignidade de cada pessoa humana e o bem comum são questões que deveriam estruturar toda a política económica.” (EG 203). “O crescimento equitativo exige algo mais do que o crescimento económico, embora o pressuponha; requer decisões, programas, mecanismos e processos especificamente orientados para uma melhor distribuição das entradas, para a criação de oportunidades de trabalho, para uma promoção integral dos pobres que supere o mero assistencialismo”. (EG 204).

“Peço a Deus que cresça o número de políticos capazes de entrar num autêntico diálogo que vise efectivamente sanar as raízes profundas e não a aparência dos males do nosso mundo. A política, tão denegrida, é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas da caridade, porque busca o bem comum [...] Rezo ao Senhor para que nos conceda mais políticos, que tenham verdadeiramente a peito a sociedade, o povo, a vida dos pobres. É indispensável que os governantes e o poder financeiro levantem o olhar e alarguem as suas perspectivas, procurando que haja trabalho digno, instrução e cuidados sanitários para todos os cidadãos. E porque não acudirem a Deus pedindo-Lhe que inspire os seus planos? [...] a partir duma abertura à transcendência, poder-se-ia formar uma nova mentalidade política e económica que ajudaria a superar a dicotomia absoluta entre a economia e o bem comum social”. (EG 205).

“Jesus, o evangelizador por excelência e o Evangelho em pessoa, identificou-Se especialmente com os mais pequeninos (cf. Mt 25, 40). Isto recorda-nos, a todos os cristãos, que somos chamados a cuidar dos mais frágeis da Terra: os sem-abrigo, os toxicodependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos cada vez mais sós e abandonados os migrantes” (cf. EG 209-210), “Não nos façamos de distraídos! Há muita cumplicidade... Nas nossas cidades, está instalado este crime mafioso e aberrante, e muitos têm as mãos cheias de sangue devido a uma cómoda e muda cumplicidade.” (EG 211).

“Duplamente pobres são as mulheres que padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente têm menores possibilidades de defender os seus direitos. E todavia, também entre elas, encontramos continuamente os mais admiráveis gestos de heroísmo quotidiano” (EG 212).

“Entre estes seres frágeis, de que a Igreja quer cuidar com predilecção, estão também os nascituros, os mais inermes e inocentes de todos, a quem hoje se quer negar a dignidade humana para poder fazer deles o que apetece, tirando-lhes a vida e promovendo legislações para que ninguém o possa impedir... Por si só a razão é suficiente para se reconhecer o valor inviolável de qualquer vida humana” (EG 213).

“Entre estes seres frágeis, de que a Igreja quer cuidar com predilecção, estão também os nascituros [...], a quem hoje se quer negar a dignidade humana para poder fazer deles o que apetece, tirando-lhes a vida e promovendo legislações para que ninguém o possa impedir [...] Por si só a razão é suficiente

para se reconhecer o valor inviolável de qualquer vida humana [...] Não é opção progressista pretender resolver os problemas, eliminando uma vida humana” (EG 231-214).

“Há outros seres frágeis e indefesos, que muitas vezes ficam à mercê dos interesses económicos ou dum uso indiscriminado. Refiro-me ao conjunto da criação. Nós, os seres humanos, não somos meramente beneficiários, mas guardiões das outras criaturas.” (EG 215).

“Quatro princípios para progredir na construção de um povo: o tempo é superior ao espaço. Este princípio permite trabalhar a longo prazo, sem a obsessão pelos resultados imediatos... Trata-se de privilegiar as acções que geram novos dinamismos na sociedade e comprometem outras pessoas e grupos que os desenvolverão até frutificar em acontecimentos históricos importantes. Sem ansiedade, mas com convicções claras e tenazes.” (EG 222-223).

“O conflito não pode ser ignorado ou dissimulado; deve ser aceite. Mas, se ficamos encurralados nele, perdemos a perspectiva, os horizontes reduzem-se e a própria realidade fica fragmentada... a maneira mais adequada, de enfrentar o conflito: é aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo. Deste modo, torna-se possível desenvolver uma comunhão nas diferenças: a unidade é superior ao conflito” (EG 226-228).

“Existe também uma tensão bipolar entre a ideia e a realidade: a realidade simplesmente é, a ideia elabora-se. Entre as duas, deve estabelecer-se um diálogo constante, evitando que a ideia acabe por separar-se da realidade.” (EG 231). “Entre a globalização e a localização também se gera uma tensão. O todo é mais do que a parte. É preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefícios a todos nós. Mas há que o fazer sem se evadir nem se desenraizar.” (EG 234-235).

“A evangelização implica também um caminho de diálogo: o diálogo com os Estados, com a sociedade – que inclui o diálogo com as culturas e as ciências – e com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica. Em todos os casos a Igreja fala a partir da luz que a fé lhe dá e oferece a sua experiência de dois mil anos que conserva sempre na memória as vidas e sofrimentos dos seres humanos. (EG 238) Tudo para proclamar o «evangelho da paz» (Ef 6, 15)” (EG 239).

Depois de fazer esta síntese, através destas citações, sobre o capítulo 4 da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, fica-nos um desafio: começar, se ainda não começámos, e continuar, se já iniciámos, uma travessia audaz pelos mares do mundo, utilizando simultaneamente dois remos, o da evangelização e o da acção pastoral da caridade social.

#### **4. O EVANGELHO RESUME-SE AO AMOR**

O amor fraterno tem a sua origem em Deus que é amor e que nos amou

primeiro. Ele difunde o seu amor em nós através do Espírito para que em cada um o amor cresça, amadureça e se pareça ao autêntico amor, o amor com que Cristo nos amou.

Se podemos amar é porque Deus nos comunica o seu amor. Se podemos amar é por causa da morte de Cristo, por amor, e da sua ressurreição que tornaram possível o amor. Este amor de Jesus é a medida do amor. O ideal cristão ultrapassa o puro humanismo da caridade (“não fazer aos outros o que não queremos que nos façam a nós; fazer aos outros o que queremos que nos façam a nós”), e nos impele a amar como Cristo amou. Por isso, o crescimento do amor não tem limites na nossa vida. Por isso, aprender a amar é a grande tarefa da espiritualidade cristã, sempre inacabada.

Existe às vezes o perigo de concentrar a espiritualidade noutras metas, noutros valores, e de não dar a primazia à bem-aventurança da misericórdia que nos ensina que, segundo o Evangelho, esta consiste ao mesmo tempo na solidariedade e compromisso de amor eficaz com o irmão necessitado e que sofre a miséria, e no perdão das ofensas e na reconciliação. A misericórdia é a prática do amor fraterno e indica-nos os caminhos concretos da encarnação do amor: a reconciliação, a libertação das misérias. Os ensinamentos de Jesus, apara além disso, revelam-nos que a prática da misericórdia é a única via universal que gera fraternidade (faz-nos irmãos e irmãs uns dos outros). Essa é a mensagem da parábola do samaritano que é a parábola da verdadeira prática da misericórdia e do amor fraterno (Lc 10, 25-37). Ao terminar a parábola Jesus pergunta ao doutor da lei “Qual destes três se portou como irmão (próximo) do homem que caiu nas mãos dos salteadores?” (Lc 10, 30). Quer dizer que os três não foram irmãos do ferido. Eles podiam tê-lo sido mas, na verdade, foi “o que usou de misericórdia para com ele” (Lc 10 37). O sacerdote não é irmão do judeu nem tão pouco o levita. O samaritano sim. Para Jesus o ser irmão dos outros não é algo “automático” como um direito adquirido. Não somos irmãos da prática do amor. São Paulo recorda-nos que de nada nos serve entregarmo-nos aos pobres, ou ao martírio, se nos faltar o amor (I Cor. 13, 1 ss).

Perante o mandamento de crescer no amor devemos reconhecer que não sabemos amar. O nosso amor é muitas vezes uma caricatura (Rom. 12, 9). O nosso egoísmo, as nossas preocupações e a nossa sensibilidade apoderam-se de nós. Sabemos igualmente que a caridade fraterna é a realização cristã e humana mais difícil: chegar a amar como Cristo ama. Sabemos que na terra nunca alcançaremos essa perfeição do amor, sabemos que fracassamos continuamente, que não superamos as divisões e os rancores, que somos cada dia cobardes no serviço, no acolhimento, no perdão e em dar a nossa vida pelos outros. Tudo isto não quer dizer que não queremos amar ou que de facto não amemos. O amor é o caminho do amor; amar é querer amar. O que Deus essencialmente nos pede não é o sucesso da caridade mas sim um esforço permanente por crescer no amor e na luta de aprender a amar, que começa todos os dias. Na luta por amadurecer no amor, a dimensão “humana” e “evangélica” do amor caminham lado a lado. Sem rupturas nem contradições.

Não há separação entre o amor humano e a caridade cristã. Nem deve haver na prática uma disjunção entre evangelização e acção social nascida da

caridade. O mandamento do amor que Cristo nos deu, coincide com a vocação do homem a crescer afectivamente a dar e dar-se mais do que receber e possuir.

Com efeito, a missão, a misericórdia e o serviço aos pobres e a todos os irmãos, como experiência humana e missionária, deve ser um lugar de descoberta de Deus, de maior conhecimento do rosto de Cristo. O Espírito de Deus revela-se nos valores da entrega, do serviço, nas aspirações da justiça e da solidariedade, em cada conversão, nos “pequenos”, nos que sofrem, nos indigentes... A realidade humana, as culturas, estão cheias da presença do Espírito e da acção de Deus que constrói o Reino, levando-nos a experimentar o próprio Deus.

A dimensão social da missão supõe um fazer-se “contemplativos na acção”. Ambas as dimensões da espiritualidade do evangelizador são inseparáveis. O Deus experimentado e amado em si mesmo e por si mesmo, e o Deus experimentado e amado pelos irmãos. A primeira dimensão sublinha que o cristianismo é transcendente a qualquer realidade temporal, a segunda, que é encarnado e inseparável do irmão. A primeira recorda o primeiro mandamento do amor a Deus sobre todas as coisas, e o absoluto da pessoa de Jesus. A segunda lembra o mandamento semelhante ao primeiro, o amor ao próximo como a si mesmo e a presença de Cristo nesse amor.

O Cristo encontrado e contemplado na oração do evangelizador “prolonga-se” no encontro com o irmão e se somos capazes de experimentar Cristo no serviço aos “mais pequenos” é porque já o encontramos na oração contemplativa. A caridade social não é apenas descobrir a presença de Jesus nos irmãos (“a mim o fazeis”), mas igualmente um apelo à acção em seu favor, ao compromisso. Por isso, se evangelizamos com Cristo no coração faremos as obras que Ele fez.

Jesus certamente alargou os horizontes e as exigências do amor e deu-lhe uma razão e um sentido novo. Mas as suas exigências de caridade evangélica realizam-se e desenvolvem-se no interior do amor humano, na afectividade e no coração, ainda que superados pela fé e pela acção do Espírito (pelo que o amor fraterno não sempre é sensível e gratificante). Aprendemos a amar seguindo Jesus por amor. Uma vez mais, ele nos mostra a verdadeira prática do amor e nos comunica a luz e a vida para poder amar como ele amou e poder evangelizar como ele evangelizou.

Muito Obrigado!

**Oscar Andrés Cardeal Rodríguez Maradiaga, sdb**  
Arcebispo de Tegucigalpa  
Presidente da Caritas Internationalis